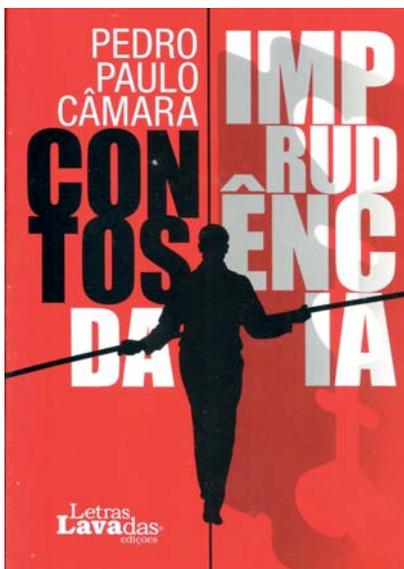




Contos da Imprudência



Torna-se difícil escrever sobre Pedro Paulo Câmara. E não é “Imprudência” dizer isto. Depois de ler um livro assim, - *Contos da Imprudência* – a tentação é adjectivar. E eu pergunto: como adjectivar algo que consideramos *perfeitamente belo*? Por isso mesmo vou tentar não adjectivar o que será uma tarefa difícil perante tudo o que senti ao ler mais este livro do jovem (nasceu em 1980) e premiado escritor que, oriundo da ruralidade dos Ginetes, por ele já imortalizados literariamente com o inesquecível “*As Cinzas de Sabrina*”, agora apresenta uma seleção de contos, muitos deles premiados em concursos e projectos em que tem participado, que para mim são modelo do que deve ser um conto, no suspense, na riqueza narrativa, na força do diálogo e na surpresa final.

Pedro Paulo Câmara tem tudo isto e muito mais, porque consegue deixar mensagem muito real e concreta nos caminhos ficcionados que escolhe para os seus contos.

Só um poeta - *Perfumes* (2011) e *Silêncios* (2012) – escreve assim. Só um poeta consegue captar e interiorizar no drama das dúvidas íntimas, esta analogia, nas Sete Cidades: “*As criptomérias ladeiam a Lagoa Azul e a Lagoa Verde em sintonia íntima. Será que alguém, algum dia, choraria por mim ao ponto de criar uma lagoa de rara beleza? Serei eu, algum dia, merecedor de tal dilacerado sentimento? Será um qualquer alguém, num algum desigual dia, louco o suficiente para se esvaír por amor?*”

Com chancela Letras LAVAdas, uma editora que já se firmou, desde há muitos anos como viveiro de novos talentos e arcano de muitos nos nossos grandes escritores, este *Contos da Imprudência* não poderia ter capa mais feliz do que aquela que inspiradamente lhe deu o talento de Jaime Serra: o equilíbrio no mais

difícil atravessar dos caminhos da vida, ditado pelo destino nestas esquinas de alma que tão bem aqui se concentram: *Medo e Mito. Morte e Amor. Solidão e Desesperança*. E aquela lâmina? A lembrar-me uma velha *Nacet* e a dizer-me que em Pedro Paulo Câmara tudo é cortante, acutilante e, por vezes, dilacerante, como no final de *Madrugadas: assassinei-o ontem!*

Seja-me permitido dizer que neste *Contos da Imprudência* há algo que nos fascina pelas multifacetadas formas em que aparece: o Amor. Sempre o Amor. E tudo para levar à conclusão de que afinal o *ódio não é a antítese do amor*.

E foi o Amor, também, a palavra-chave da brilhante apresentação que outro grande escritor das novas gerações açorianas, Pedro Almeida Maia, fez deste livro, na Biblioteca Pública de Ponta Delgada.

O autor de “*A Viagem de Jumo*” faz uma perfeita leitura deste livro quando diz que “amar pode ser doença, ver e ouvir coisas, uma espécie de psicose. Voltemos ao texto: *Ausculto a tua voz em cada onda que morre contra o cais e que renasce em cada recuo da mãe-maré. E sinto, ainda, o teu toque em cada gota de chuva que pousa na minha pele e que escorre, serenamente, lentamente pelos poros do meu corpo. E sensorio o teu perfume quente em cada peça de roupa que se apresenta nas vitrinas*”.

E da necessidade de amar e de ser amado, - continua Almeida Maia - seleccionei este trecho: “*Eu mereço ter alguém ao meu lado quando a chuva esmurra a janela do meu quarto; quando os trovões esmagam os meus ouvidos: quando os relâmpagos cegam o meu olhar (...); Eu quero ser aquele que sabe onde estão as tuas chaves pela manhã. (...) Eu quero ser aquele a quem tu ligas quando o teu carro começa a fazer barulhos desconhecidos no meio de um descampado sem luzes.*

(...) *Eu quero ser aquele que acende velas perfumadas nas vésperas da tua entrada porta adentro*”.

E tudo isto porque «os sentimentos não se vendem, nem se compram; brotam de nós como a criptoméria brota da terra, por vezes, mesmo lutando contra um solo quase infértil». Afortunados são os que o lêem. Os leitores de Pedro Paulo Câmara adquirem coisas impensáveis: o direito a respirar no vácuo; a capacidade de ver na cegueira; bilhetes para um universo paralelo; e uma maior compreensão da condição humana”. Comungo plenamente estas palavras do meu Amigo Almeida Maia, porque o senti verdadeiramente.

No mesma sessão de apresentação do livro, a Professora Teresa Medeiros, uma voz autorizada na análise sociológica e cujos ensinamentos para mim são de imenso valor, deixou uma profunda e interessante visão sobre estes *Contos da Imprudência* ao dizer que nele “as palavras são medidas, pesadas, escolhidas milimetricamente. O texto está excelentemente escrito. Por vezes, fui inundada pela certeza de uma leitura cénica, descritiva e emotiva, como se de uma peça se vivesse e projetasse a impiedade de certa realidade interior, como se dum grito se tratasse. Mas acrescenta “*A verdade, a tua acutilante verdade, é que as minhas palavras não representavam alívio ou salvação*”, diz depois da personagem ter vivido um grande amor perdido que dilacerou as entranhas, e trazido sempre presente pela morte.

A par desta crueza, dei conta de uma provocação na escrita, um trocadilho cá e lá, com uma pitada de humor, que ajuda a desanuviar o suspense. Veja-se: “...*pensei com os meus botões, mesmo de t. shirt e de calças de elástico*”. “*A minha avó daria voltas no túmulo, ainda bem que foi cremada*”; “...*tateei em busca dos olhos a ver se ouvia melhor*”.

E com que mestria Teresa Medeiros aborda outro aspecto que me tocou bastante neste livro: a presença da Ilha, sempre a ilha, todas elas, essencialmente no conto *Sob Asas* (vencedor do concurso regional *DiscoverAzores*, no ano 2013): “O tema da Ilha e da nostalgia evidencia-se em grande parte dos contos, da parte central do livro, viajando por várias ilhas e vários lugares. Há uma diacronia na procura de paz interior, mediada pelas questões identitárias, identificadas em 3 tempos, ou 3 andamentos, ou 3 espaços cénicos, como se uma opereta se tratasse, a saber: o passado na ilha, onde se nasceu, que é narrado retrospectivamente, evidenciando flashes de memória episódica e emocional, com a marca da avó - que é sempre uma personagem forte que educa, a partir dos seus padrões religiosos e tradicionais -, e da dureza da vida que se viveu, ou que se imagina que viveu. Há um segundo tempo, bem mais prolongado, pautado pela fuga dentro de si e para fora da ilha com um corte brutal, dilacerado emocionalmente, um corte pesado, clivado com o contexto. E um terceiro tempo marcado pelo regresso e o confronto com o passado e a libertação interior da dor psíquica e da solidão profunda, sempre atravessada pela culpa e pelo controlo”.

Há mais ou menos quatro anos, quando escrevi sobre o seu anterior livro, desejei que “Pedro Paulo Câmara não se fique por *Cinzas de Sabrina* e se aventure a mais altos voos da imaginação e da escrita”.

Posso dizer que este *Contos da Imprudência* é o livro de um escritor amadurecido, comunicador extraordinário e senhor de um talento que já o colocou num patamar de respeito entre quantos vão fazendo caminho na universalização da Literatura Açoriana.

Parabéns neste sincero abraço de admiração!